

POR UMA DANÇA VOLITIVA NA ESCOLA: ENTREVISTA COM A ARTISTA-DOCENTE ISABEL MARQUES

FOR A VOLITIONAL DANCE AT SCHOOL: INTERVIEW WITH ARTIST- TEACHER ISABEL MARQUES

Juliana Alves¹
Andréa Sério²

APRESENTAÇÃO

O presente texto apresenta um diálogo (in)formal, movente e extremamente prazeroso com a artista-docente Isabel Marques, sobre perspectivas de criação-ensino-aprendizagem da Dança no ambiente escolar durante a infância. A entrevista, conduzida pela pesquisadora Juliana Alves, foi realizada em formato *online* durante a série de *lives* “Diálogos em Movimento”, produzida pela Casa Hoffmann - Centro de Estudos do Movimento da Fundação Cultural de Curitiba (FCC), em 30 de outubro de 2021. O diálogo original foi transcrito e é aqui apresentado de modo a enfatizar a multiplicidade de contextos, desafios e perspectivas da Dança no ambiente escolar, a partir da experiência da entrevistada, que é uma das mais importantes colaboradoras para o atual estado de reconhecimento da Dança como linguagem artística na escola, bem como para o engajamento da prática desta Arte como ação educativa emancipatória na escola pública brasileira.

¹ Bacharel e Licenciada em Dança pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar), *campus* de Curitiba II/ Faculdade de Artes do Paraná (FAP); Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes – PPGArtes/UNESPAR, na linha de pesquisa: Experiências e Mediações Educacionais em Artes, Grupo de Pesquisa em Dança/UNESPAR. E-mail: juliana.alves.410@estudante.unespar.edu.br

² Professora Adjunta dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura da UNESPAR, *campus* de Curitiba II/ Faculdade de Artes do Paraná (FAP); Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes – PPGArtes e do Programa de Pós-Graduação em Rede Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – PROFEL, Grupo de Pesquisa em Dança e Grupo de Pesquisa em Práticas Educacionais Inclusivas/UNESPAR. E-mail: andrea.serio@unespar.edu.br

Isabel Marques é pedagoga, graduada pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Dança pelo Laban Centre for Movement and Dance de Londres, UK, doutora pela Faculdade de Educação da USP, com trabalho de ensino e pesquisa em Dança internacionalmente reconhecido. Fundou e dirige o Caleidos Cia. de Dança desde 1996. Criou e dirigiu o Caleidos Arte e Ensino na cidade de São Paulo, de 2001 a 2008 e atualmente, juntamente com Fábio Brazil, é diretora do Instituto Caleidos³, fundado em 2007. Assessorou a Secretaria de Educação do Município de São Paulo em 1991 - 92, atuando na inserção da área da Dança no currículo oficial da cidade de São Paulo junto à equipe do filósofo e educador Paulo Freire. Foi redatora dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) na área da Dança e do documento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para a área da Dança, lançados pelo então Ministério da Educação e Cultura (MEC). Assessorou a UNESCO na redação de documentos para a Dança na América Latina, e o governo do Estado do Paraná na redação de documentos de Arte para Educação de Jovens e Adultos, a partir dos quais a proposta metodológica de Isabel Marques foi adotada em todo o Estado. É uma das principais autoras da área do ensino da Dança com publicações como: *Ensino de Dança Hoje: textos e contextos*⁴; *Dançando na Escola*⁵ e *Interações: criança, dança e escola*⁶, entre outros livros e artigos indicados como referenciais bibliográficos em cursos de graduação, pós-graduação e em concursos públicos em Dança no Brasil.

Além do deleite do encontro e do compartilhamento de ideias, esta entrevista é uma oportunidade de aprofundamento de questões discutidas no desenvolvimento da pesquisa de mestrado intitulada: *A dobra do papel da dança na infância: manualidade como estratégia pedagógica volitiva*, desenvolvida pela mestrandia Juliana Alves com a orientação da Profa. Dra. Andréa Sério, no Programa de Mestrado Profissional em Artes- PPGARTES da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, *campus* de Curitiba II/ FAP. O diálogo com Isabel Marques contextualiza questões importantes para este estudo, principalmente na problematização de possíveis relações entre o(a) artista-docente-artesão(ã) e o potencial

³ O Caleidos Cia. De Dança, Caleidos Arte e Ensino e o Instituto Caleidos surgem da proposta pedagógica da Dança no Contexto – hoje, Arte no Contexto - criada e desenvolvida por Isabel Marques em seu trabalho de doutorado defendido na Faculdade de Educação da USP em 1996, agregando valores da Educação no campo da Arte, ao mesmo tempo que propõe que as ações artísticas sejam permeadas por pressupostos da Educação.

⁴ MARQUES, Isabel. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.

⁵ MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

⁶ MARQUES, Isabel. **Interações: criança, dança e escola**. São Paulo: Blucher, 2012.

dessa relação como estratégia de volição, vontade de querer criar-ensinar-aprender Dança na escola. Segue a entrevista:

Juliana Alves: Ao ler um artigo seu de 2014, fiquei suspensa num “chovendo no molhado”. Então, há mais de 25 anos você segue reafirmando e nos apresentando lindamente o que a Dança tem a oferecer para a Educação e, atualmente, o que a Educação tem a oferecer para a Arte. Você também cunhou o termo artista-docente na área da Dança propondo o hibridismo destes papéis. Ou seja, aquele que dança e educa, educa dançando e dança educando. Desbravou corajosamente o campo de ensino da Dança na escola, onde muitos de nós tivemos amparo. Tudo isso sem perder de vista o imenso esforço em investir na construção de um pensamento de corpo integrado e em compreender a criança como corpo. Corpo lúdico, corpo crítico, corpo relacional e corpo cidadão. Hoje, regada com essa enxurrada de saberes, gostaria de poder inundar-nos de sonhos e palavras que possam nos nutrir de um esperar, para que possamos confiar que o ensino da Dança, que já conquistou muito, vai seguir movendo essa correnteza de corpos que se inscrevem no mundo enquanto formas heterogêneas de existência. Espero não chover no molhado nessa aridez de Curitiba e que nós possamos nos mover úmidas por essa conversa. Imagino que não exista outra forma de modificar a prática de ensino, senão desaprender a aprender, desaprender a ensinar, desaprender constantemente o que vamos sendo, enquanto pensamento de Educação. Isabel, que ventos sopram hoje na corporeidade, na compreensão de corpos que dançam na escola? Temos conquistas a celebrar?

Isabel Marques: Que pergunta tão oportuna para o que a gente está vivendo agora, principalmente porque parece que a gente puxou um breque de mão nessa corporeidade na escola. A gente foi para trás das telas! E quantas crianças nesse Brasil nem atrás das telas puderam estar. Esta é uma discussão imensa em relação às crianças pequenas, com quem a gente costumava falar: sai da frente da tela, vamos fazer outras coisas, vamos brincar, vamos dançar...e, de repente, estamos nessa corda bamba – incentivo ou não incentivo - porque as telas se tornaram a única forma das crianças continuarem se comunicando. Mas, temos muito a celebrar sim. Nós reaprendemos algumas coisas sobre nossos corpos, sobre nossas

vontades, os nossos desejos, sobre aquilo que não pode faltar de jeito nenhum. Sim, preciso de abraço, sim, preciso de retorno, sim, preciso de afeto. As escolas que ficaram mais atentas a isso realmente se transformaram e essa volta presencial está sendo com uma outra qualidade. Mas, vamos pensar um pouquinho no período pré-pandemia. Vamos para um período lá atrás. Eu sou pedagoga e quando eu descobri que o que eu queria era realmente estudar Dança como profissão, eu precisei encontrar outras formas de dançar além do balé clássico, que era o que eu tinha na época. A gente sabe que tem uma coisa que mobiliza aqui dentro e eu descobri que podia estudar Dança integrada à Educação. De lá para cá, uma estrada imensa de pessoas avançou comigo nessas descobertas, então, eu acho que a gente tem muito a celebrar sim. Quando eu pesquisava em 1987 na Faculdade de Educação ainda, para o que seria hoje equivalente ao TCC das graduações, eu estava terminando o estágio supervisionado e ia para a escola absolutamente desanimada com meu foco de pesquisa. Uma professora me perguntou: do que você gosta? Respondi que era de Dança. E decidimos fazer o trabalho do estágio supervisionado desenvolvendo relações entre Dança e Educação. Não havia uma bibliografia na área da Dança relacionada à Educação. Nos programas estaduais curriculares, às vezes, aparecia alguma “Dança” lá no fim do Teatro ou da Educação Física. Então, essa é a primeira celebração de todas: a Dança atualmente está contemplada nos currículos nacionais, estaduais e municipais, embora a gente saiba que, às vezes, como em São Paulo, as experiências ainda são pontuais. Na Bahia são bem mais amplas, em Porto Alegre tem um número imenso de experiências. E, apesar dessa oscilação, são passos sem volta. Já está no imaginário das pessoas. A Dança pertence à escola ou, existe uma Dança que pode ser ensinada na escola ou, a escola pode gerar oportunidade de dançar. Eu acho que essa é a primeira conquista e acho que é inabalável. Quando fui convidada a escrever o capítulo de Dança dos Parâmetros Curriculares Nacionais, me lembro de ter tido a preocupação de condicionar que ele tivesse o mesmo número de páginas das demais linguagens artísticas, e que a Dança não fosse a última das linguagens a ser citada porque, naquele momento, ela era frequentemente esquecida. A primeira coisa a celebrar é que a gente não esquece mais da Dança. O que a gente tem muito a galgar ainda é em pensar que Dança é essa? como? quem? onde? que princípios ela tem? como ela será no pós-pandemia? A gente vai ter que realmente visitar essa Dança na escola, visitar o corpo. Há muito tempo estamos pedindo essa visita à escola. Já estava pulsando essa grande reforma antes da pandemia e agora temos

mais certeza. A Dança está na lista de áreas de conhecimento na escola. Uma das maiores celebrações que eu tenho é de ver como as professoras (professoras mesmo porque a maioria são mulheres) estão pedindo por Dança. As pessoas querem aprender, querem se apropriar e repensar esse dançar na escola. A Dança está espalhada para a gente se apropriar dela e quem ganha são as crianças com professoras com vontade de dançar. [Juliana Alves: A falta do corpo presente, do movimento presente, ressaltou a importância da Dança. Estamos lembrando que está faltando Dança e o quanto esse trabalho de anos vem nutrindo esse espaço presente da Dança na escola]. Sim. Deixa eu te dar um dado: quando eu comecei a pesquisar, eram poucos cursos de Licenciatura em Dança no Brasil e agora, de acordo com um colega da UFBA, passamos de 40 cursos universitários alimentando essa área de conhecimento. É preciso celebrar essa expansão. Que bom que muito mais gente está pesquisando. Independente de estarem ou não de acordo comigo, acho que uma coisa é certa, nós estamos em movimento. A Dança mexe com a escola. Paulo Freire falava muito em mudar a cara da escola. Eu acho que a Dança é um bom tempero para mudar a cara da escola.

Juliana Alves: Você tem escrito sobre o corpo cidadão. Essa ideia me atravessa muito na relação com o que hoje estou pesquisando: uma dança volitiva, com vontade de querer aprender, vontade de querer ensinar, com vontade. Voltando o olhar agora para criança que dança, quais problemáticas você levantaria nos aspectos da construção da autonomia da criança, dos seus atos de fala, de inventividade, para que elas sejam protagonistas das suas vontades?

Isabel Marques: A gente tem falado muito das crianças como protagonistas e como autoras de suas escolhas. Eu acho que vocês estão expandindo, as pesquisas recentes têm expandido essa semente inicial. Discutir as vontades, os desejos, as escolhas. Crianças sabem fazer escolhas. Não é preciso que tudo seja escolhido por elas. O que elas querem, o que desejam, o que faz bem para elas. Obviamente não verbalizando, mas, o corpo inteiro delas fala do que elas gostam, do que elas desejam, o potencial de Dança que tem ali, o que elas conhecem no corpo. Durante muito tempo o que era oferecido nas escolas era um repertório pronto, muitas vezes retirado da mídia como, por exemplo, a cultura “Xuxa para baixinhos” que foi muito forte nas escolas de São Paulo. Posso falar de São Paulo onde eu trabalhei

bastante tempo. Hoje, essa cultura já acabou, mas, as professoras que estão na escola mantêm essa cultura viva. Não se trata aqui de criticar o trabalho ou a biografia da apresentadora, mas, de como e com que proposta essa cultura de Dança entrou nas escolas, sem que houvesse uma apropriação das professoras para que fosse mais que um repertório de danças da “Xuxa para baixinhos” posto na parede para todos copiarem. Hoje temos uma consciência bem maior sobre os impactos disso, mas, ainda há pouca escuta dos corpos das crianças. Essa escuta que não é do verbal, que vem principalmente do dançar com. Na experiência de interação corporal entre adultos e crianças é que se aprende e eu acho que é importantíssimo descobrir como é que esses corpos dançam juntos. A vontade de dançar com, de entender a Dança como autoral na escola, entender o grande potencial de criação das crianças, de diálogo na interlocução com um adulto, no diálogo com elas mesmas, no diálogo com outras Artes. Como cada criança é única na singularidade de sua forma de dançar, de sua vontade. Só por curiosidade, para vocês saberem uma coisa linda... aqui em São Paulo existe um conselho mirim dentro da câmara dos vereadores. Achei a ideia maravilhosa, com uma conexão muito forte com as escolas que já têm conselhos de escola. A diretora de uma dessas escolas estava me contando que as crianças foram reclamar que elas não queriam dormir, que não precisavam da “hora da soneca”. Isso é uma perspectiva de adulto, de uma escola medicalizada, que diz que criança tem que dormir tantas horas enquanto elas falam que querem brincar, que não querem dormir. Mas, olha que coisa linda, por que não considerar a questão? Há toda uma discussão aí, e é maravilhoso as crianças trazerem isso. Eu penso no dia em que as crianças vão dizer: gente, eu quero uma Dança autoral (risos). Elas já falam isso de outro jeito. Quando você sugere um dançar que é pura cópia, mecânico, sem sentido, sem relação com a vida delas, elas simplesmente dispersam. Tem muita coisa que está nesse corpo que basta olhar, escutar, tocar, construir junto. É verdade que o adulto verbaliza muitas coisas importantes sobre o que a criança está sentindo. Não se pode negar a experiência do adulto, afinal, o aprendizado se dá na interlocução com o mundo e o mundo tem adultos. Mas, podemos ser adultos mais próximos, mais atentos, mais corporais. Quantas professoras, ao ler histórias, sentam-se na cadeira e não se levantam mais, ficam com o corpo imóvel. Mas, acho que isso está se modificando. Nessa pandemia, para quem estava atento ao que está acontecendo, há um clamor do corpo como algo que a gente está precisando muito. A Dança desenvolve a cidadania, mesmo em questões não explícitas, o corpo é cidadão.

Juliana Alves: Eu tenho pensado sobre as estratégias para abrir o espaço para as crianças, para a perspectiva delas, a visão que elas têm no ensino-aprendizagem da Dança. Não se trata de dizer: “façam o que vocês quiserem”, mas, de uma problemática que pode abrir o modo de pensar adultocêntrico de organização do mundo. Eu sou muito curiosa e eu acho que quando eu me pergunto sobre os espaços para a vontade das crianças, estou me perguntando como os espaços de Educação propõem estratégias para que possam ouvi-las?

Isabel Marques: Sim, é preciso ver essa escuta ser trabalhada de fato, e não apenas no âmbito formal. É escutar de fato e não dissuadir as vontades delas. Sou freiriana e esse palavrão que é “problematizar” é, na verdade, levantar questões para pensar junto. Quando você fala de uma Dança volitiva, eu me lembro de uma experiência com supervisão de estágio em que uma professora fez uma proposta de construção autoral de Dança para uma turma de adolescentes do fundamental II e parte da turma não concordou com a proposta dela. Esse grupo propôs uma Dança mais próxima do que viam na televisão. Ela acolheu a proposta do grupo, mas, também manteve a proposta de criação autoral, na qual as crianças analisaram aspectos da obra Guernica e atualizaram relações para o tempo presente criando, de modo conjunto, o trabalho de Dança. Eu fui assistir e conversei com as pessoas que participaram de cada trabalho. Perguntei sobre as diferenças que elas percebiam nas propostas. Me marcou profundamente ouvir de crianças que trabalharam com a criação da releitura de Guernica: essa Dança é nossa, isso aqui foi a gente que fez. Isso tem um valor imenso em termos de pertencimento, de corpo cidadão. O meu corpo pode transformar situações e não somente reproduzir. Isso fico muito explícito, mesmo que não verbalmente. A partir da experiência corporal significativa, a criança vai se entendendo na relação com o mundo, com as outras crianças, com os adultos, com o ambiente. Esse diálogo de corpos é um desafio para os adultos. Nós temos que aprender com as crianças a confiar no corpo. A gente trabalha muito com interatividade no Caleidos. Estamos fazendo 25 anos agora e estamos sempre pesquisando como é que a gente convida a pessoa para dançar sem ter que falar: vem dançar comigo. É incrível porque aí eu vejo as pessoas não confiarem no corpo, no que o nosso corpo de artista está dizendo, e vejo as pessoas precisarem de uma confirmação verbal o tempo todo. Isso é muito característico do adulto, você tem que ter a confirmação verbal. Se me ama,

diz que me ama, escreve uma carta dizendo que me ama. A criança entendeu que é amor com o corpo, não precisa confirmar. Essa confiança no corpo é uma contribuição da Dança. Não só da Dança... A Dança não salva o mundo, mas, chegando na questão da volição, é preciso confiar nas vontades, escolhas do corpo e aí a importância da escuta no diálogo com a criança.

Juliana Alves: Tenho pensado sobre a Educação no inacabamento, de que é caminho, é percurso e aí eu volto olhar para a Dança na escola. Se estamos sempre ensinando a Dança do espetáculo de final de ano, não estamos reforçando a ideia de que a criança só reconheça o que ela produz para aquele momento - o que não necessariamente corresponde à vontade dela - mas, ao imaginário do outro?

Isabel Marques: Você está trazendo uma questão muito importante sobre como nós construímos vontades. Por exemplo, em academias é comum vermos nas paredes fotografias de bailarinos e bailarinas que são referências na história da Dança - eu me lembro de fotografias da Margot Fonteyn e do Rudolf Nureyev- e isso vai legitimando o desejo, criando vontades. O quanto a gente pode desconstruir, ampliar esses imaginários na escola? Como podemos acessar essas informações como história? ou como podemos ampliar tantos outros imaginários como, por exemplo, o de dançar em um grande festival de danças urbanas para aquele auditório enorme aí de Curitiba, de 3.500 pessoas e ser ovacionado... Isso pode ser construção de desejos de algumas pessoas, mas, não a construção de desejos de todas. Na escola pública nós podemos acessar esses muitos imaginários, essas muitas possibilidades e, inclusive, nenhuma dessas. É possível trazer referências da história da Dança como referências e não como modelos a seguir. [Juliana Alves: importante trazer essa autonomia para a criança e trabalhar a volição para conseguir diferenciar o que é referência do que é desejo de si e do outro]. Sim, a gente está falando de Dança, mas, isso seria para qualquer área de conhecimento. A nossa área que é corporal é muito forte neste aspecto, mas, ela se expande para toda a escola. Qual o papel do conhecimento na escola? Salvo alguns estados, nós ainda estamos em uma realidade em que se trabalha a Dança por um período curto, e são muitas questões importantes a compartilhar. Então, selecionar é uma coisa difícil. Se nós escutássemos um pouco mais as crianças talvez isso fosse mais fácil. Claro que temos nosso repertório e continuamos estudando a vida toda, mas, acho que essas pequenas experiências

significativas são contribuições que podemos aprender com as crianças. O prazer nas pequenas coisas é algo a aprender. A criança que faz um castelo, quando descobre que faz cambalhota, que aprendeu a girar, é um gozo tão grande... e você fala: ela está só girando. Não é “só” gente! Como podemos tirar prazer e presença das pequenas coisas? Não é uma delícia quando uma criança descobre que pode andar? O prazer, a rizada, a alegria... Não sei se a gente tem esquecido - e não é autoajuda não – mas, os pequenos prazeres corporais são importantíssimos porque eles nos situam como presença. [Juliana Alves: e é importante saborear esse fenômeno]. Isso! o professor pode saborear esse fenômeno em sala de aula, dançando. A gente vai se bloqueando na expressão do prazer daquilo que fazemos e acho que a escola, historicamente, também não tem contribuído muito. A sociedade, de uma forma geral, não tem contribuído. As pessoas têm medo de expressar prazer nas pequenas coisas e serem julgadas como ridículas. Se uma criança começa girar e você vê que a criança está em êxtase, começa a girar com ela e o corpo já está dizendo que você percebeu!

Juliana Alves: A gente celebrou recentemente o centenário de Paulo Freire e sei que essa referência é muito importante em seu trabalho, tanto como pedagoga como na interlocução muito bonita que você traz para Dança. O que hoje você percebe que tem sido contemplado, e quais aspectos ainda sofrem muita resistência para assimilarmos, na prática como sociedade, as contribuições desse grandioso teórico da Educação?

Isabel Marques: A gente tem conversado muito sobre Paulo Freire, o que ele escreveu, o que ele falava... agora com o centenário são muitas *lives*, e que bom que está sendo tudo gravado porque a gente vai saborear isso por muitos anos... são pessoas muitas interessantes que conviveram com ele. Falando da Dança, não temos nada escrito por Paulo Freire especificamente sobre Dança, mas, sabemos do posicionamento dele em relação à Arte, do potencial transformador da Arte. Nos primeiros círculos de cultura de alfabetização, na década de 1960, ele trazia pinturas de artistas para a discussão. Ele falava muito que não poderia existir um mundo sem ética, sem estética e sem justiça. Ele falava da beleza, da boniteza do mundo. De estarmos sempre atentos à boniteza e a beleza do mundo como sabores essenciais para nossas vidas, para nossa convivência e para a transformação do ser humano e da sociedade. Isso era muito forte nele. Então, quando eu tive o privilégio imenso de ter sido

convidada a trabalhar com o Paulo Freire na prefeitura de São Paulo, na verdade era exatamente para fazer um pouquinho dessa ponte, junto com uma equipe imensa, sobre qual seria a visão freiriana da Dança na escola. A gente foi trabalhando justamente esse processo que estamos falando aqui. Entender o ser humano como ser que cria, que escolhe, que tem vontade. Entender o ser humano como criador. Então, fomos repensar essa experiência nas práticas da Dança na escola. Na cultura “Xuxa para baixinhos”, nas coreografias prontas da festa junina nas escolas, nessas danças que são muito mais cópias que processos de criação artística. É fato que algumas vezes se copia, introjeta, mas, há todo um processo para a apropriação de repertórios. [Juliana Alves: tem aí uma ideia de utilidade também. Aprender Dança para a festa junina, para o dia das mães, não para si mesmo]. Sim, e é muito pontual também. É preciso lembrar que, em geral, essas professoras não têm formação em Dança. Mas, hoje nós estamos em outro patamar porque, se você não tem essa formação específica, pelo menos você sabe quem chamar para estar com você. Não para fazer por você, para estar com e para discutir junto. Acho que já temos referenciais de pessoas que estão fazendo trabalhos incríveis no Brasil inteiro. O que a gente foi trazendo como equipe, e eu tentando pontuar na área de Dança, era a questão do ser humano criador. Então, como mudar essa concepção de Dança na escola por uma concepção de criação, de possibilidade de inventar, de experimentar, de experienciar corpo e movimento? É muito interessante... eu sempre bati na tecla de que a gente deveria falar que se faz Dança na escola e as pessoas eram muito relutantes. Se falar em Dança é pai que não vai deixar, é igreja que não vai deixar, é criança que não vai querer, são meninos que vão se afastar. E aí vem a ideia do Paulo Freire que é de justamente problematizar. Essa é uma busca minha. Como a gente pode problematizar dançando? O corpo problematiza. A gente tem crítica corporal e não apenas verbal, no sentido filosófico. Eu gosto dos princípios propostos pela Terezinha Rios, da crítica como um olhar claro, amplo e profundo. Como é que eu danço para mim e para quem está perto de mim? como é que amplio as minhas possibilidades de experienciar a Dança? Ser crítico no corpo é ampliar suas possibilidades com danças de outras matrizes, de outros lugares. A gente tem tanto conhecimento com pesquisas mais desenvolvidas para entender o corpo, entender o movimento, as relações corporais, aprofundar os relacionamentos. Mas, é um mundo antineoliberal. O neoliberal do “vapt-vupt”, do apronta que é fim de ano, faz a festinha e vamos passar logo para outra coisa. Recebi aplausos, a minha escola foi pontuada, eu fui

promovida... Esse mundo infelizmente está invadindo a escola mesmo. Da escola pública à particular, academias, estúdios. Então, quando a gente fala de crítica, é preciso ampliar essa ideia. Como é que a gente se mantém trabalhando em uma pesquisa um pouco mais contínua nesse universo de pressão pelo ineditismo e imediatismo? Já vimos, então não vamos ver de novo. Agora pense, você como bailarina, artista, pesquisadora - que eu sei que você é - isso demanda um tempo e um espaço diferenciado. Eu fico pensando, como seria se a lógica da escola se movesse a partir das demandas e das necessidades de cada área de conhecimento? A demanda dos professores de Arte, desde sempre, é por mais tempo que uma aula de Dança com 50 minutos na qual você gastou 10 para afastar as carteiras. Como é que você faz para aprofundar, sentir, perceber, querer alguma coisa? Eu acho que um dia a gente vai conseguir sim...fazer com que a demanda do conhecer, que o conhecimento estruture a escola e nunca a escola encaixote o conhecimento. Isso demanda uma flexibilidade imensa e é disso que estamos precisando hoje... de mais flexibilidade. A pandemia veio dizendo isso...sejam flexíveis! Nós não sabemos mesmo o que vai ser amanhã. Você se lembra quando começou? A gente achou que fosse ser por uma semana. Todo mundo produzindo loucamente e uma amiga me disse: Isabel isso vai até junho. Eu disse: junho? Como assim? Não vou conseguir manter esse pique não! É preciso entender essa experiência de fato. Para mim, foi tudo muito forte. A gente costumava dizer expressões como: “o futuro a Deus pertence”, mas, mesmo que a gente não saiba o que será o dia seguinte, no fundo, no fundo, estamos tentando controlar o dia seguinte. Estamos prevendo o dia seguinte. E agora, com a pandemia, a gente sentiu que não sabe nada. Não se trata de não ter perspectivas de futuro, mas, de não determinar o futuro. A gente nunca conviveu com o luto nacional dessa forma. Temos que entender que nós estamos de luto ainda e as crianças que voltam agora para escola - você falou muito da escuta - que histórias essas crianças têm para contar desse período dentro de casa, ou fora de casa, ou apertados em casa, com comunicação, sem comunicação... São tantas histórias corporais dessa pandemia! [Juliana Alves: e os efeitos que ela já traz no corpo, o quanto a Dança poderia contribuir na escola com uma pitadinha de afeto, de corpo]. Sim, esse potencial do corpo, de conexão, em outras palavras, era o que Paulo Freire falava do potencial das relações. A relação que traz o vínculo, significado, sentido. Essa relação corporal é extremamente potente. Eu acho que, grosso modo, esses governos totalitários sabem disso. O primeiro ministério a cair no governo Temer foi o da Cultura. Existe uma caixa preta ali. Se

você está falando da potência da Arte - e a Dança mais ainda por ser corporal - de conexão, de relação, a partir do momento que estabeleço relações, eu tenho consciência de mim no mundo. Paulo Freire falava muito sobre a importância de como você se insere no mundo. É preciso analisar como a Dança está te inserido no mundo, na relação com os outros, na relação com o meio. Isso é extremamente revolucionário, então, não se pode desistir. Precisamos descobrir formas de continuar nos relacionando. E como fazer isso na tela? Tudo que a gente faz é corpo, é toque...e aos poucos fomos encontrando modos de nos relacionarmos na tela, não para substituir aquele outro tipo de presença, mas, como uma porta de comunicação que foi aberta e que pode continuar expandindo possibilidades de diálogo. Para mim, ainda é um desafio você manter os seus princípios, não práticas, os seus princípios na tela. Interessante como a gente lança mão de recursos muito antigos quando nos sentimos no vácuo. E agora já estamos em outro processo, com muitos cursos de improvisação, de educação somática e com muitas pessoas se descobrindo nessa possibilidade. [Juliana Alves: eu acho que revelou muito da potência do encontro, mas, quando você está imerso em construir conhecimento de si, se você está sozinho, não tem outro caminho a não ser lidar consigo mesmo e, mesmo num ambiente de encontro, é em si que o conhecimento acontece em suas diferentes formas. Você tem que se olhar mesmo]. E como é que vamos voltar a trabalhar essa experiência presencialmente? Eu tenho um pouco de receio que a gente feche a janelinha da pandemia, e agora podemos tirar máscara e, depois de aglomerar, a gente continue fazendo as mesmas coisas de 2 anos atrás. A tendência é muito grande porque o mercado está puxando a gente para isso. Esse mercado é inexorável e temos que fazer essa crítica. Hoje temos a marca de mais de 600 mil mortes subnotificadas porque a gente não tem uma política nacional de saúde pública. Quando é que vai cair a ficha que sim, temos que mudar, sim, temos que propor outras coisas com esse aprendizado. [Juliana Alves: a volta não é um relaxamento, a volta é ativa, é presente]. E aí eu acho que temos mais uma vez a aprender com as crianças. A delícia do criar. Que a gente possa se inspirar muito nelas. No ímpeto de fazer e estar presente.

Juliana Alves: Eu tenho pesquisado e tenho proposto na minha prática que a manualidade seja um convite para as crianças escolherem o que lhes interessa na matéria, no material, no papel, nos resíduos do meu artesanato. É um espaço de prática onde eu acho que a volição tem uma porta de entrada para elas. Quando a manualidade vem nessa prática, eu

me encontro como alguém volitiva como bailarina, alguém com uma dança volitiva e encontro também esse potencial de subjetividade dos diferentes modos de aprender. Hoje, para além de criadora, ousou pensar no artífice como aquele que cria ferramentas que antecedem as criações, como também, dialoga no invisível com as demandas da sociedade. Então, a partir de toda a sua trajetória e das suas proposições - eu acredito que você espera desdobramentos delas - caberia o termo artista-artífice-docente?

Isabel Marques: Estou aqui pensando, porque eu vejo muito o papel do artífice nas criações que são únicas. Eu vejo o artesão no fazer, no degustar. No Caleidos a gente trabalha muito com improvisação em cena e, depois que estreamos, continuamos refazendo, tricotando aos pouquinhos, incorporando elementos. E aí você tem uma sugestão que vem do público e no dia seguinte está refazendo. Então, eu me vejo muito artesã da Dança nesse sentido. As vezes eu faço coisas para 5 pessoas, as vezes uma professora faz coisas para 15 ou 20 pessoas em sala de aula. Pode ser para pequenos grupos e ser significativo. Acho que uma das grandes dificuldades da Dança contemporânea de ter patrocínio é que ela é feita justamente nessa artesanaria. Um produto que é um processo constante. Isso tem tanto a ver com a profissão da docência... Eu vejo o artífice nessa constância. É um processo constante. Um produto acontece como um contorno que se compartilha e, a partir do compartilhamento, você volta para o grande processo. Agora vejo a imagem do bordado, do tricô, das grandes artesãs, já que somos duas mulheres. Eu vejo muito isso na criação artística e vejo muito na docência. Talvez Juliana, pensando alto aqui com você, a questão do artífice seja este “entre” Arte e docência. Essa artesanaria que vai, talvez, conectar Arte e docência de alguma forma nesse fazer constante, nesse saborear. Eu me sinto muito artesã. Muito! Quando você fala de artesanato eu vou lá atrás nas corporações de ofícios da Idade Média, parece uma coisa antiga... Ao contrário, existe uma relação muito grande entre o artista contemporâneo e o artífice. [Juliana Alves: é ser humano simplesmente construindo. Para mim, tem sido até esse lugar de corpos que não existem como possibilidade de construir, com as crianças, modos de ampliar as minhas referências como docente e as referências de corpos das crianças]. Ampliar referências de corpos, de danças, esse é o nosso papel como docentes, como artistas. Não para fazer isso pelas crianças, mas, para as próprias crianças ampliarem essas referências. Voltando para o início da nossa conversa, sobre o imaginário construído, me lembrei que uma

criança na escola que queria saber o nome da Dança que nós estávamos fazendo e a gente deu o nome de Dança autoral. Num determinado momento é importante nominar ou, quando não nominamos chamamos pais, mães, pessoas da escola para dançar e entender no corpo a Dança que fazemos. É no dançar junto, no estar com, que vamos criando outras ideias de corpo e sociedade. No corpo a experiência tem outro sentido. A problematização está no corpo. A cidadania é corporal. Eu aprendi agora com um grupo de feministas espanholas o termo “cidadania”, ao invés de cidadania - que carrega marcas do patriarcado e do capitalismo - para mudar essa perspectiva do olhar, do cuidado como uma relação de experiência não apenas feminina, mas, de uma outra forma de estarmos juntos, juntas e juntas, que seria pelo cuidado e não somente pelo exercício dos direitos à cidadania. Eu fico pensando que uma das coisas que a gente mais aprendeu nessa pandemia, eu pelo menos, foi a necessidade de cuidar, cuidar do outro, cuidar de si. Como a Dança pode contribuir para essa “cidadania”? O aprendizado pessoal se dá em função desses múltiplos aprendizados, do convívio. Então, para mim, virou uma palavra-chave a “cidadania” como um contexto para se trabalhar, principalmente nesse momento em que vamos começar a nos encontrar de novo com tantos medos, ansiedades, euforias. Como podemos trabalhar no processo de criação em Dança o cuidar-se? Vamos plantar desejos e vontades para esse momento que se aproxima. Obrigada!

Recebido em 31/01/2022.

Aceito em 10/05/2022.